

Carlos, o irmão mais moço de Luiz o Mártir, lhe sucede, e curva, em Reims, sua cabeça unvida sob a coroa de França. Outra vez, tudo marcha como Deus o quis, tudo se encontra em seu "lugar natural". Paris dócilmente respeita as diferenças de condição e cumpre os "deveres ensinados aos homens pelo divino Redentor". Aos nobres, restituem-lhes os bens. Os sacerdotes, por sua vez, fazem o possível para que a hierarquia terrena alcance até o Céu. Nas igrejas, os sinos repicam convidando os fiéis ao Te-Deum solene.

\*\*\*

Os sinos repicam, em Paris, para a santa missa, até a "grande semana de julho" do ano de 1830. Aí então parece que são tomados de súbito frenesí. Atordoantes e ressoantes, tocam agora a rebate. Antes haviam chamado para a missa os parisienses que cada dia tomavam pacíficos o caminho da igreja. Agora o barulho ensurdecedor vindo das tôrres lança-os em bandos vociferantes pelas ruas, em direção ao "Hôtel-de-Ville".

— Lá, as barricadas já estão erguidas. Atrás delas, Paris se entrincheira — Paris, outra vez sublevada, como no tempo da Grande Revolução, em prol da liberdade, da igualdade e dos direitos do homem, e decidida a combater contra o rei, a nobreza e o clero, contra essa ordem hierárquica que quer impor diferenças e desigualdades desde a roça até o Céu.

Na sua quinta de Lagrange, distante algumas milhas da cidade, mora o general aposentado Lafayette. Num tranqüilo isolamento, irriga seus campos à moda americana e cuida com solicitude de suas rosas da Síria.

Na sua pessoa incarna-se como numa peça viva de museu, tudo o que a grande revolução representara outrora. Na vida dêsse ancião que simpatizara com tôdas as lutas travadas em prol da liberdade, durante os últimos cinquenta anos e nelas tomara parte ativa, se acha resumida tôda a luta de dois continentes em defesa da igualdade e da independência.

Como jovem cortesão, ainda chegará a ver Luiz XV — gordo, glutão, lúbrico e cínico — sentado à mesa entre a Dubarry e um arcebispo. Esse quadro inesquecível grava no seu coração um revoltado ódio contra monarcas autocráticos e sacerdotes. Mal começa na América a luta em prol da liberdade da nova humanidade e eis que Lafayette atravessa apressadamente o oceano para pôr sua espada a serviço do partido da independência. Com a idade de vinte anos, já é, como proclamam seus contemporâneos, "um sustentáculo do Novo Mundo livre".

Benjamin Franklin propõe ao Congresso promover o jovem oficial a general em consideração dos grandes serviços prestados aos

Estados Unidos. Washington dedica tal afeição a Lafayette que este pode dizer: "Um dia, meus descendentes poderão ufanar-se de que um dos seus antepassados tenha sido amigo de Washington".

A mocidade de Lafayette foi assim ao mesmo tempo a própria mocidade da Liberdade. De certo, é o que terá sentido o velho Voltaire, o pai da Enciclopédia, quando, durante uma festa do duque de Choiseul, saúda a espôsa de Lafayette e presta homenagem às façanhas gloriosas do seu marido.

Durante os dias revolucionários de 1789 em Paris, é outra vez Lafayette que está na primeira fila. E' por sua instância que a Assembléia, logo depois de reunida, proclama os "Direitos do Homem". A Guarda Nacional sob suas ordens constitue uma arma decisiva que êle põe à disposição dos representantes do povo. E' nessa época que Goethe encontra no jardim duma casa burguesa de Düsseldorf uma estátua de Lafayette que os proprietários veneram como uma "divindade".

"Nós seguramos o prego", diz Jefferson, mais tarde, num brinde, "mais foi Lafayette quem o bateu". Êle próprio costuma muitas vezes chamar os acontecimentos de 1789 de "minha revolução". Os austríacos, em cujas mãos cai no ano de 1792, e que o guardam prisioneiro em Olmuetz, se afiguram, graças à sua pessoa, ter encarcerado a própria revolução nas suas masmorras.

Napoleão havia sempre considerado a existência dêsse campeão da liberdade como uma surda advertência da Revolução irreduzível. "Lafayette está pronto para recomeçar a qualquer momento" repete o imperador freqüentes vezes com um certo mal-estar a seus ministros. Durante a Restauração dos Bourbons, enquanto Metternich dirige a Europa segundo sua vontade autocrática, Lafayette ainda está "pronto para recomeçar a qualquer momento". E' êle que é considerado como o chefe espiritual dêsses movimentos revolucionários latentes, como brasas sob a cinza, e que fazem das suas nos conventículos dos carbonari.

Antes que na quinta de Lagrange o silêncio se faça para sempre em redor de Lafayette e da Liberdade, a História, ainda uma vez, vai buscá-lo como uma jóia preciosa, como um talismã milagroso e põe-no à testa da revolta recente. Procura-se outra vez o velho uniforme de general, azul e desbotado, com o qual Lafayette, em 1789, havia comandado as guardas nacionais. Lafayette torna a envergá-lo e, assim vestido, não tarda a comparecer nas barricadas, como comandante da guarda cívica que noutra tempo se havia levantado contra o Bourbon Luiz XVI e fá-lo agora contra seu irmão Carlos X.

De que serve, em tal conjuntura, ao rei Bourbon, ter sido colocado à frente da França por direito divino? De que lhe serve ser o seu cetro consagrado, como sinal de que êsse poder terreno é a fiel imagem do celeste!